O NÚMERO DO SESQUICENTENÁRIO

«O segundo quartel do século XX — disse-o o escritor Júlio Dantas — tem-se assinalado na Europa pelo culto da efeméride».

Ali se sucederam, com efeito, as celebrações de milenários, de centenários ou jubileus, com uma freqüência que, no pensar daquele escritor português, denotaria algo «de muito mais sério do que o simples prazer de recordar ocorrências e personagens remotos ou a boa memória dos homens dos nossos tempos». Sobradas razões tinha o ilustre homem-de-letras para assim expressar-se. Tão multiplicadas atividades de fins rememorativos, para não dizer históricos, não podem evidentemente denunciar apenas a boa memória das gentes européias ou a sua inclinação ao devaneio. Elas envolvem, também em nosso entender, implicações mais graves, motivos de bem maior relevância as condicionam. Além de patentear a irresistível tendência das gerações atuais à retrospecção, correspondem a um imperativo do momento ou, seja, ao anelo dos nossos escóis na hora sombria e incerta que atravessa o mundo civilizado. São um corolário desses dias amargurados e inquietos que está vivendo o homem moderno. Refletem uma época.

Cansados, magoados, desiludidos, os intelectuais intentam refugiar-se no passado, deixando assim, de certo modo, ter contacto com as cruas realidades da vida.

Perdidos no tumulto de um universo açoitado pelo vendaval do ateísmo, da impiedade e do ódio, volvem os olhos angustiados ao arrepio do tempo, buscando, no fundo das centúrias mortas, um estímulo, uma inspiração no exemplo dos vultos preexcelentes da História. Afundam-se no bulcão das idades pretéritas, empós de sucessos que edifiquem ou sirvam de paradigma para seus atos: Procuram normas de comportamento, diretrizes para suas vidas, na lição sempre proveitosa daquelas existências beneméritas. Desse modo procedem, certos de que, se dessa longa viagem retrospectiva, «não voltassem providos de conhecimentos capazes de influir beneficamente na marcha dos fatos», emergiram moralmente fortale-

cidos e nobilitados, capazes, portanto, de enfrentar com firmeza e sobrançaria os agravos e preocupações que os oprimem e assoberbam.

Não apenas no Velho Continente, mas igualmente entre nós se faz sentir, cada vez mais intensa, essa inclinação heróica para invadir os tempos que se foram à cata de altos valores humanos; dia a dia mais empolga o justo anseio de relembrar e glorificar os que souberam honrar e engrandecer a terra do berço; soldados ilustres, sábios, mártires ou heróis.

Com a freqüência cada vez maior, em rítmo sempre mais acelerado, surgem, por isso mesmo, nas páginas dos nossos periódicos e nas montras das livrarias, edicionadas ou não pelo governo, as biografias dos grandes brasileiros. Suas benemerentes existências são assim reconstituídas, e seus feitos e realizações evidenciados e justamente enaltecidos.

E para maior glorificação desses vultos excelsos que se tornaram célebres nos mais variados setores da vida pública nacional, multiplicam-se, também, as festas patrióticas, amiúdam-se as comemorações cívicas, motivos, sempre renovados, de júbilo e de sadia exaltação para o povo.

Assinale-se, de passagem, que esse retorno às eras pretéritas, esse mergulho no tempo, a que a hora atual «é favorável e a razão explica e propícia», tem conduzido, não raro, à reabilitação de numerosos personagens cuja existência, envolta em lendas pouco edificantes ou apenas conhecidas através de tradições inconsistentes que as denegria, jamais haviam feito jus à estima e ao respeito de seus concidadãos.

Do estudo dos nossos fastos resultou ainda a reconstituição feliz dos traços fisionômicos e da vida de ínclitos varões cuja memória o tempo esmaecera, sepultando-os, no quase esquecimento geral.

Nessa campanha a mil títulos meritória — que visa a exaltar os valores eternos da nacionalidade — o Instituto do Ceará tem-se colocado sempre em posição da mais alta relevância.

Agora mesmo, no transcorrer das faustosas e oportunas comemorações do Sesquicentenário de nossa Independência política, as suas atividades culturais e patrióticas foram multiplicadas, brilhantes e produtivas.

Visando a contribuir para dar ainda maior realce e conteúdo às festividades civis, militares e eclesiásticas que se desdobravam pelo país inteiro, membros da douta associação reconstituiram, após pesquisas bem conduzidas, páginas e pá-

ginas de nossa crônica social e política, relacionada com aquele memorável acontecimento.

Episódios de relevância do nosso passado foram perquiridos sob inusitados ângulos e disso resultou serem acrescentados alguns capítulos inéditos à história de nossa Independência.

No propósito de divulgar os trabalhos julgados de maior importância da lavra de intelectuais, cearenses ou não, versando o momentoso tema, houve por bem o Instituto do Ceará dar a lume mais este número especial de sua revista. O número do Sesquicentenário, que surge graças ao patrocínio da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, ora confiada à competência e ao idealismo do Professor Dr. Ernando Uchoa Lima.

Carlos Studart Filho

PROFESSOR ERNANDO UCHOA LIMA
Secretário de Cultura do Estado do Ceará e Presidente da Comissão do Sesquicentenário da Independência do Brasil, no Ceará.